ReGeo
ISSN: 2177-3246

AVALIAÇÃO EXTERNA DA ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS, RESULTADOS E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

EXTERNAL EVALUATION OF LITERACY: CHALLENGES, RESULTS, AND OPPORTUNITIES FOR PEDAGOGICAL INTERVENTION IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

EVALUACIÓN EXTERNA DE LA ALFABETIZACIÓN: RETOS, RESULTADOS Y POSIBILIDADES DE INTERVENCIÓN PEDAGÓGICA EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA

https://doi.org/10.56238/revgeov17n9-188

Data de submissão: 28/08/2026 **Data de publicação:** 28/09/2026

Ailha Vieira da Silva
Especialização lato sensu em Supervisão e Orientação Educacional
Instituição: Centro Universitário (UNITOP)
E-mail: ailhavieira@gmail.com

Flavia Baião Soares Moyses
Mestrado em economia doméstica
Instituição: Universidade Federal de Viçosa (UFV)
E-mail: flaviabaiaosoares@hotmail.com

Antonio Gilson Barbosa Azevedo
Doutor em Ciências da Educação
Instituição: Universidad Internacional Tres Fronteras (UNINTER)
E-mail: antoniogico@gmail.com

Mara Luciane da Silva Furghestti
Doutoranda em Educação
Instituição: Universidade Leonardo da Vinci (ULDV)
E-mail: marafurghestti70@gmail.com

Ricardo de Souza Ribeiro
Doctorando en la Ciência de la Educación
Instituição: Universidad Del Sol (UNADES)
E-mail: ricardo_souza_ribeiro@yahoo.com.br

Ailton de Souza Ribeiro
Mestre
Instituição: MUSTUNIVERSITY
E-mail: ituqd2b@gmail.com

RESUMO
A avaliação externa da alfabetização ocupa um espaço importante nas políticas educacionais brasileiras, principalmente por produzir informações sobre o desempenho dos estudantes nos anos

iniciais do Ensino Fundamental. Este artigo discute os desafios relacionados à avaliação externa da alfabetização, destacando a interpretação dos resultados e suas possibilidades de utilização no planejamento pedagógico. Parte-se da compreensão de que os resultados das avaliações em larga escala não devem ser entendidos apenas como números ou indicadores de desempenho, pois representam informações sobre determinados aspectos da aprendizagem em um momento específico. A pesquisa também considera que a alfabetização é um processo amplo, envolvendo leitura, escrita, compreensão e diferentes práticas sociais de linguagem. Nesse sentido, os dados das avaliações externas podem contribuir para identificar dificuldades, reorganizar estratégias, orientar intervenções e fortalecer o acompanhamento dos estudantes. Conclui-se que a avaliação externa pode contribuir para a melhoria da alfabetização quando seus resultados são analisados criticamente e articulados às avaliações realizadas no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Avaliação Externa. Alfabetização. Aprendizagem. Intervenção Pedagógica. Anos Iniciais.

ABSTRACT

External assessment of literacy plays an important role in Brazilian educational policies, especially because it provides information about student performance in the early years of Elementary Education. This article discusses the challenges related to external literacy assessment, emphasizing the interpretation of results and their possible use in pedagogical planning. It is based on the understanding that the results of large-scale assessments should not be interpreted merely as numbers or performance indicators, since they represent information about specific aspects of learning at a particular moment. The study also considers literacy as a broad process involving reading, writing, comprehension, and different social language practices. In this sense, external assessment data can help identify learning difficulties, reorganize teaching strategies, guide pedagogical interventions, and strengthen student monitoring. The study concludes that external assessment can contribute to improving literacy when its results are critically analyzed and articulated with assessments conducted in everyday school practices, supporting more meaningful and inclusive educational actions.

Keywords: External Assessment. Literacy. Learning. Pedagogical Intervention. Elementary Education.

RESUMEN

La evaluación externa de la alfabetización ocupa un espacio importante en las políticas educativas brasileñas, especialmente porque proporciona información sobre el desempeño de los estudiantes en los primeros años de la Educación Primaria. Este artículo analiza los desafíos relacionados con la evaluación externa de la alfabetización, destacando la interpretación de los resultados y sus posibilidades de utilización en la planificación pedagógica. Se parte de la comprensión de que los resultados de las evaluaciones a gran escala no deben entenderse únicamente como números o indicadores de desempeño, ya que representan información sobre determinados aspectos del aprendizaje en un momento específico. Asimismo, se considera que la alfabetización es un proceso amplio que involucra lectura, escritura, comprensión y diferentes prácticas sociales del lenguaje. En este sentido, los datos de las evaluaciones externas pueden contribuir a identificar dificultades, reorganizar estrategias, orientar intervenciones pedagógicas y fortalecer el seguimiento de los estudiantes. Se concluye que la evaluación externa puede contribuir a mejorar la alfabetización cuando sus resultados son analizados críticamente y articulados con las evaluaciones realizadas en la práctica escolar cotidiana.

Palabras clave: Evaluación Externa. Alfabetización. Aprendizaje. Intervención Pedagógica. Educación Primaria.

1 INTRODUÇÃO

Falar de alfabetização é tocar numa das experiências mais marcantes que a criança vive dentro da escola. É nessa fase que ela vai entendendo que as letras. Palavras, os textos e os jeitos variados de se comunicar fazem parte do seu dia a dia. Aprender a ler e escrever, então, não significa só dominar códigos ou decorar letras e sílabas, significa abrir caminhos de participação social, ganhar autonomia e ampliar a capacidade de compreender e transformar a realidade em que se vive. Quando se discute a avaliação da alfabetização, por isso, é necessário olhar além dos números de uma prova e entender o processo de aprendizagem na sua complexidade.

As avaliações externas assim foram ocupando um espaço que é cada vez maior nas conversas que envolvem a educação. Elas tentam produzir informações voltadas para o desempenho dos estudantes e com isso permitem que redes de ensino, escolas e gestores tenham ferramentas para analisar como a aprendizagem está acontecendo. Infelizmente um resultado numa escala que é de proficiência não consegue explicar tudo o que acontece com uma criança em sua alfabetização. O

A avaliação externa com esse entendimento deixa de ser vista apenas como uma ferramenta que envolve a classificação de escolas ou divulgação de índices. E vira uma fonte que é relevante de dados para o trabalho pedagógico. O desafio está em fazer que professores e gestores leiam de um jeito crítico esses dados, para que planejem intervenções que ajudem na aprendizagem. Não basta saber as dificuldades dos estudantes. É preciso entender melhor as dificuldades e procurar formas para que o estudante as supere.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental a discussão é mais forte, pois a alfabetização funciona como uma base que é essencial para as aprendizagens seguintes. Se a criança não desenvolve as habilidades ligadas à leitura, à escrita e à compreensão textual, todo seu aprendizado é impactado. O aprendizado não é reduzido a alfabetização, mas é reconhecer que é um processo que amplia as possibilidades. A Política Nacional de Alfabetização e os documentos que são educacionais no país reforçam a necessidade de garantir que as crianças desenvolvam competências de leitura e escrita já no começo do seu ensino.

A alfabetização não acontece do mesmo jeito para todo mundo, e é importante compreender isso. Cada estudante chega à escola com experiências que são diferentes com a linguagem, os livros. Histórias, os textos, as tecnologias e as práticas de leitura e escrita. Algumas crianças convivem com livros e adultos leitores diariamente, já outras têm contato bem mais limitado. Essas diferenças não determinam o que cada criança vai conseguir aprender, mas o professor precisa de atenção, para ofertar um complemento.

Este artigo, assim, tem como objetivo discutir a importância da avaliação externa da alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando seus desafios, a interpretação dos resultados e as possibilidades de utilização dessas informações para orientar intervenções pedagógicas. A discussão parte da compreensão de que avaliar não deve significar apenas medir aquilo que o estudante sabe ou não sabe, mas produzir informações que possam ajudar a escola a tomar decisões e criar melhores condições para que todos aprendam. E não dá pra esquecer a Política Nacional de Alfabetização, que também entra nessa conversa.

2 AVALIAÇÃO EXTERNA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ao pensar em avaliação externa e logo vem à cabeça a imagem de uma prova aplicada a milhares de estudantes. Faz sentido, claro. Mas o objetivo desse instrumento vai além disso. Avaliações externas integram políticas de monitoramento da educação e servem para gerar dados comparáveis sobre certos conhecimentos e habilidades. No Brasil, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é uma das principais ações nacionais voltadas para produzir esse tipo de informação, apoiando o diagnóstico da educação básica brasileira.

As avaliações em larga escala na alfabetização tentam verificar se os estudantes estão desenvolvendo certas capacidades que são ligadas à leitura e à escrita. Mas não dá para reduzir a alfabetização a uma lista curta de habilidades que são fáceis de medir. Ler e escrever envolvem processos que são cognitivos, linguísticos e sociais, o que torna difícil uma avaliação com um único instrumenti. A avaliação fornece uma fotografia de um momento que é específico, e com o tempo o aprendizado acontece (Soares, 2021).

> “A avaliação em larga escala não consegue aferir tais processos em sua totalidade e em todas as suas nuances. [...] a utilização desse tipo de avaliação pode contribuir para um melhor entendimento sobre os processos de aprendizagem e orientar a formulação ou reformulação de políticas voltadas para essa etapa de ensino.” (Brasil, 2013, p. 11 apud Cabral; Goulart; Sousa, 2021).

Essa diferença entre processo e resultado não pode ser ignorada. Uma criança pode ter um certo desempenho na avaliação externa que não é positivo, mas estar avançando de forma considerável na aprendizagem. O contrário também pode acontecer, um resultado que é tido como satisfatório não quer dizer que o aprendizado está acontecendo realmente. Os resultados assim exigem análise que seja conjunta com outras evidências que são geradas no dia a dia da escola.

A avaliação que é externa também ajuda a expor desigualdades educacionais ainda existentes. Quando os resultados são examinados a partir de diferentes contextos sociais, econômicos e territoriais,

é possível perceber que nem todo o estudante tem as mesmas oportunidades. Essa visão ajuda a perceber que a situação não é culpa somente do professor ou do seu estudante. A aprendizagem envolve determinadas condições sociais e também institucionais, precisando de uma maior atenção nelas (Unesco, 2021).

Outro ponto que merece atenção a orientação que os resultados das avaliações externas podem trazer para o planejamento das políticas públicas. Quando uma rede percebe que determinada habilidade ficou abaixo do esperado, consegue destinar formação de professores, materiais didáticos e ações para que seja realizada um acompanhamento daquela demanda. Assim que o dado avaliativo vira um tipo de sinalizador para que sejam tomadas as decisões.

Mas existe um risco quando esses resultados são usados de uma forma vista como inadequada. A pressão para o alcance de melhores índices pode levar algumas escolas a ter um maior foco somente em preparar avaliações. Assim as atividades que fazem diferença na formação leitora, acabam perdendo espaço para exercícios que são somente repetitivos que imitam o formato das avaliações. Esse movimento deixa a alfabetização ruim, já que reduz uma aprendizagem que pode ser ampla a um simples treinamento (Soares, 2021).

É preciso assim buscar um equilíbrio. A escola pode conhecer a matriz de referência das avaliações, buscando preparar os alunos para ela, mas isso não significa ensinar apenas o que é importante para prova. O currículo precisa continuar garantindo a oferta de experiências que sejam diversificadas de leitura, escrita, oralidade e reflexão que envolve a língua. A avaliação tem que ter uma ligação com o currículo, e não mandar sozinha em tudo àquilo que será ensinado.

3 DESAFIOS NA INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES EXTERNAS

O maior desafio que envolve a avaliação externa da alfabetização não está na aplicação dos instrumentos, mas na interpretação dos resultados. Olhar os dados alcançados não traz dificuldades. Difícil é se perguntar o que aquele número significa e como ele pode ajudar a melhorar o trabalho que está sendo realizado na escola. Ler os resultados exige que se tenha conhecimento, diálogo e disposição para que os dados não se transformem em uma informação automática.

Imagine que uma escola fique abaixo da média da rede, por exemplo. Esse dado, sozinho, não explica o que está acontecendo. É necessário perguntar quais habilidades foram avaliadas, quais apresentaram mais dificuldade, quais grupos de estudantes tiveram mais problemas e quais práticas pedagógicas estavam sendo desenvolvidas naquele momento. Também é preciso considerar o contexto na qual a escola está inserida e as condições na qual o aprendizado está acontecendo (Brasil, 2023).

Outro desafio é evitar colocar todo a culpa em cima dos professores. Quando os resultados servem apenas para apontar quem teve desempenho insatisfatório, cria-se um clima de cobrança que não auxilia para modificações pedagógicas. O professor precisa participar da análise, não apenas para carregar a responsabilidade pelo resultado. Interpretar dados de avaliação também é uma competência profissional, surgindo assim a necessidade de formação.

A formação do professor ocupa um papel que é importante nesse processo. O professor precisa entender o que significam os níveis que envolvem o desempenho. Habilidades que são avaliadas e os indicadores que as avaliações externas apresentam. Mais do que aprender a ler tabelas e gráficos, ele precisa aprender a transformar essas informações em perguntas que são pedagógicas, para que seja possível realmente ter benefícios no processo de alfabetização (Nóvoa, 2022).

Essa mudança de visão faz toda a diferença. Quando o professor olha para o resultado como uma informação que envolve a aprendizagem, consegue pensar em intervenções que são mais específicas. É possível trazer para o estudante realmente aquilo que ele precisa para vencer sua dificuldade. Como exemplo se as dificuldades estão relacionadas à escrita, dá para planejar atividades que envolvem produção textual, revisão e reflexão sobre o sistema de escrita.

É necessário considerar ainda que os resultados podem esconder diferenças que são internas dentro da própria turma. Uma média geral pode indicar um desempenho, mas alguns estudantes podem estar muito acima ou outros muito abaixo dela. O professor não deve usar o resultado agregado como única fonte de informação para desenvolver seu trabalho. É necessário cruzá-lo com registros que são individuais, avaliações diagnósticas, observações, produções dos alunos e atividades que são realizadas ao longo do ano (Luckesi, 2022).

A avaliação diagnóstica tem um peso enorme nesse processo. O professor não consegue planejar uma intervenção decente sem conhecer os seus estudantes. A avaliação externa costuma revelar uma tendência que é geral da rede ou da escola, mas é a diagnóstica que permite ao professor enxergar o que cada criança já domina e o que ainda precisa construir, para que produza um trabalho que atende a cada estudante. Elas se completam, contanto que sejam usadas com objetivos que sejam claros.

Falar dos resultados com as famílias é um outro obstáculo. Números e níveis de proficiência aparecem sem nenhuma explicação que ajude, então os responsáveis ficam perdidos tentando entender o que está acontecendo com sua criança. Uma escola que quer mesmo usar a avaliação para impulsionar a aprendizagem precisa abrir canais que sejam acessíveis de diálogo com as famílias, mostrando os avanços das crianças e explicando como elas podem contribuir em casa sem que esse acompanhamento vire uma cobrança que seja excessiva.

Os desafios ainda persistem envolvendo as avaliações externas, precisando de maior atenção pelas escola em como estão utilizando as informações fornecidas por ela. Com todos os profissionais da escola em conjunto, com uma análise crítica das informações em conjunto com outras ferramentas é possível transformar de forma positiva o processo de alfabetização.

4 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DOS RESULTADOS

Se a avaliação externa mostra onde estão algumas dificuldades, o passo seguinte precisa ser pensar no que fazer com essas informações, para que tragam benefícios. É justamente aqui que a avaliação pode ganhar um sentido pedagógico que é mais concreto. O resultado não deve ficar guardado em relatórios ou em alguma planilha. Ele precisa chegar à sala de aula e ajudar o professor a tomar decisões que envolvem o seu planejamento. Atividades, os agrupamentos e as estratégias que serão utilizadas com os estudantes, para que realmente vençam suas dificuldades.

> Uma das primeiras possibilidades é desenvolver intervenções pedagógicas mais direcionadas. Isso significa abandonar a ideia de que todos os estudantes precisam realizar exatamente as mesmas atividades durante todo o tempo. Quando os resultados indicam diferentes níveis de aprendizagem, o professor pode organizar grupos temporários, propor atividades com diferentes graus de complexidade e acompanhar de maneira mais próxima aqueles que apresentam maiores dificuldades (Hoffmann, 2021, p.8).

Esse acompanhamento na alfabetização é particularmente importante. Algumas crianças podem estar avançando na compreensão do sistema de escrita, enquanto outras ainda necessitam de atividades que favoreçam para que consigam fazer uma relação entre sons e letras. Outras podem dominar a decodificação de palavras, mas apresentar dificuldades para que compreendam os textos. Isso mostra que alfabetizar exige uma observação das diferentes dimensões que envolvem a aprendizagem e planejar com isso intervenções que atendam as necessidades concretas dos estudantes.

A leitura precisa ocupar um lugar que seja central nesse trabalho. Não se trata apenas de ensinar a criança a fazer o reconhecimento das palavras, mas de ajudá-la a realmente o que está lendo a levando a conseguir interpretar. Histórias, poemas, notícias, textos informativos, parlendas, receitas, cartas e outros gêneros podem fazer parte das práticas escolares, para elevar a compreensão da criança. Quanto mais variadas forem as experiências de leitura, maiores serão as possibilidades de a criança compreender o que é ser um leitor realmente, pois a leitura real envolve muito mais do que responder perguntas em uma prova (BrasiL, 2018).

A escrita também precisa ser trabalhada em situações que sejam significativas. Em vez de limitar a criança com a cópia de palavras e frases, é possível criar situações em que ela tenha realmente motivos para escrever, podendo ser utilizado a produção de um convite, o registro de uma experiência,

a escrita de uma história, uma lista, a produção de bilhetes ou participar de uma atividade na qual o texto seja realizado em conjunto. Essas práticas permitem que a criança compreenda de uma forma progressiva nas funções da escrita, o levando a ser mais autônomo.

Outra possibilidade tem um envolvimento com a utilização de jogos e recursos que são lúdicos. As atividades com letras móveis, jogos de palavras, rimas, histórias, brincadeiras com sons e desafios de leitura podem favorecer a aprendizagem na alfabetização, precisando que sejam planejadas com uma intencionalidade. O lúdico não deve ser somente visto como um simples momento de diversão, mas como uma possibilidade para construção de situações em que a criança participe de um jeito ativo e desenvolva habilidades que são importantes (Kishimoto, 2021).

As tecnologias do tipo digitais também podem contribuir, desde que utilizadas de maneira pedagógica. Aplicativos de leitura, jogos educativos, produção de histórias digitais e recursos multimodais podem ampliar as experiências que envolvem a alfabetização. É importante que o uso da tecnologia esteja subordinado aos objetivos que se pretende alcançar na aprendizagem. Colocar um tablet ou computador nas mãos da criança não garanteque seja possível uma aprendizagem com significado.

Projetos de leitura são outra via possível para que aconteça uma intervenção pedagógica. Pense numa escola que monta um projeto que envolve a literatura infantil, onde as crianças convivem com livros o tempo todo, sentam em rodas de leitura, recontam as histórias, desenham, escrevem textinhos e conversam sobre o que entenderam em conjunto. As habilidades se entrelaçam nessa proposta. Tudo vai ficando mais cheio de sentido para elas, pois estão participando e trocando ao mesmo tempo informações entre si (Cosson, 2021).

O acompanhamento que acontece de forma contínua muda o jogo também. Fazer uma intervenção e só esperar a próxima avaliação externa para ver se algo mudou não é o suficiente para que haja aprendizado real. O professor precisa sempre registrar os avanços ao longo de todo o processo. Fichas simples, portfólios, textos produzidos, leituras individuais e observações mostram se uma estratégia boa para que o professor consiga identificar individualmente o que seu estudante precisa e assim intervenha.

Nesse processo a dimensão afetiva também deve ser considerada. Crianças que ouvem toda hora que não sabem ler ou que têm baixo desempenho podem acabar criando uma relação ruim com a escola e com o ato de aprender, e com isso elevando uma barreira grande que impede seu aprendizado. O professor precisa assim construir um ambiente onde o erro seja entendido como parte do caminho, ajudando a criança a perceber que quando erra também aprende. A criança tem que sentir que aprender é uma construção e que cada avanço merece reconhecimento (Nóvoa, 2022).

Os resultados das avaliações externas, vistos assim, viram ponto de partida para uma conversa pedagógica bem mais ampla. A questão não pode ser só como aumentar o resultado, mas como garantir que as crianças realmente estejam aprendendo. Essa virada, que parece pequena, transforma por completo o jeito de usar os dados. O indicador deixa de ser o centro. A aprendizagem do estudante assume esse lugar.

5 CONCLUSÃO

Foi possível perceber na discussão ao longo do trabalho que a avaliação externa da alfabetização ocupa um espaço que é importante na educação do país, principalmente por gerar informações que são capazes de ajudar redes de ensino, gestores e professores a compreender certas características da necessárias a aprendizagem do estudante. Mas também ficou evidente que os resultados não deveriam ser interpretados de forma isolada, pois por mais que tragam questões importantes, é preciso uma análise individual de cada estudante.

Alfabetizar é uma construção que se desenrola aos poucos. Envolve dimensões que são diferentes como aprender sobre o sistema de escrita, desenvolver habilidades de leitura e produção textual e junto também é importante compreender as funções sociais que a envolvem. Qualquer política avaliativa precisa reconhecer que ensinar a ler e escrever não pode virar simples treinamento para responder questões. A escola deve formar leitores e escritores que sejam críticos e que usem a linguagem para participar da realmente da sociedade.

Os resultados das avaliações externas funcionam assim como sinais que ajudam a escola a enxergar certos aspectos que envolvem a realidade do estudante. Sendo necessário que sejam bem interpretados, para que seja possível identificar dificuldades, reorganizar planejamentos, direcionar a formação docente e desenvolver intervenções pedagógicas que sejam mais adequadas. O problema começa quando o resultado deixa de ser instrumento voltado para o diagnóstico, e vira só cobrança ou classificação. O dado assim perde o sentido formativo.

O professor assim tem um papel que é fundamental nesse processo inteiro. Ele é quem está todos os dias diante dos estudantes, acompanhando as dúvidas, descobertas, erros e avanços de cada um, o que torna a sua leitura da realidade absolutamente insubstituível quando os resultados chegam até a escola. Se as informações das avaliações externas não chegam de modo compreensível e de uma forma contextualizado, não trará informações que trarão benefícios para alfabetização. Eles não vão contribuir para decisões as decisões pedagógicas.

Melhorar os resultados da alfabetização não depende de uma ação que seja isolada. Exige um conjunto articulado de medidas, envolvendo a formação continuada, condições adequadas de trabalho,

materiais pedagógicos, acompanhamento individualizado, participação das famílias, incentivo à leitura e políticas públicas que sejam comprometidas com a equidade. É um arranjo visto como complexo e extremamente necessário. A aprendizagem das crianças deriva de fatores que são diferentes e precisam ser olhados em conjunto.

A avaliação externa não representa o ponto final do processo educativo. Ela é antes uma chance de a escola olhar de novo para aquilo que vem acontecendo nas suas práticas. Se um resultado aponta dificuldade, a pergunta central não deveria ser quem é o responsável pelo problema. Deveria ser o que dá pra fazer para que seja possível realmente enfrentá-lo. Essa postura faz da avaliação um instrumento que é vivo de reflexão e ação pedagógica.

Discutir a avaliação externa da alfabetização, no fim das contas, é tratar do direito que toda criança tem de aprender a ler e escrever com um processo que tenha qualidade. O objetivo não pode ser só alcançar um índice ou uma posição em ranking, mas sim assegurar que cada criança consiga realmente desenvolver suas habilidades. Os resultados dessas avaliações ajudam nesse caminho, mas precisam ser acompanhadas de um processo pedagógico e um olhar individualizada para dificuldade de cada estudante.

A grande contribuição da avaliação externa não é simplesmente dizer quanto os estudantes aprenderam. Ela pode ajudar a escola a perguntar o que ainda precisa ser feito, o que muda completamente o sentido dos resultados. Quando essa pergunta passa a orientar o trabalho pedagógico, o dado deixa de ser só um número e se transforma em possibilidade de mudança, para que os professores façam intervenções que sejam pontuais. É nesse movimento contínuo entre avaliar, compreender, intervir e acompanhar novamente que a avaliação ganha uma função que é verdadeiramente educativa, levando a criança a uma real alfabetização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sistema de Avaliação da Educação Básica: documentos de referência**. Brasília, DF: Inep, 2023.

CABRAL, Giovanna Rodrigues; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; SOUSA, Lenise Teixeira de. Avaliação em larga escala para a alfabetização e os direitos de aprendizagem em língua portuguesa: entre aproximações e distanciamentos. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 1627-1649, 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2021.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2022.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Cengage Learning, 2021.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2022.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2021.

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação**. Brasília, DF: UNESCO, 2021.

UNESCO. **Global Education Monitoring Report 2023: technology in education: a tool on whose terms?**. Paris: UNESCO, 2023.